

literatura que nela se fazia. Com efeito, o vocabulário pagão da poesia latina, com todos os seus mitônimos, estava sendo usado pelo missionário com outras finalidades, que iam muito além das preocupações renascentistas. Portanto, em tal literatura, o que vai importar é o uso que se fez da língua latina, já que nela Anchieta apenas exprimiu a sua total convicção na divindade do Cristo e no poder supremo de Deus, repelindo qualquer influência pagã, num contínuo processo de ressemantização e cristianização de termos lingüísticos. Aliás, mais ou menos isso já faziam os humanistas cristãos (dentro e fora da Igreja), cuja obra ultrapassa os limites do Renascimento, para projetar-se no Maneirismo ou no Barroco. Em Anchieta, os deuses pagãos, sempre repudiados, são identificados com o demônio, como já se fazia na Idade Média. E daí facilmente se conclui que a construção literária de poemas como o *De Beata Virgine Dei Matre Maria* e o *De Gestis Mendi de Saa*, ainda que escritos em latim culto, só tem a ver com a estética do Anti-Renascimento (Battisti) ou do Contra-Renascimento (Haydn).

Tudo isso, aliás, vai justificar plenamente a tese defendida ainda na primeira metade do nosso século por Sérgio Buarque de Holanda. Com efeito, coube ao grande historiador observar que, no Brasil, forçando um pouco o sentido das palavras, havíamos saído da Idade Média para o Barroco, sem maiores contactos com o Renascimento. Tese amplamente defendida, pouco depois por Afrânio Coutinho, em sua *Introdução à Literatura no Brasil*, onde dedicou várias páginas à estética jesuítica de nossas origens literárias. Mas ainda hoje, tanto aqui como em Portugal, há quem pretenda reduzir a obra literária de Anchieta ao Renascimento, sem acompanhar a evolução dos estudos teóricos de literatura, da história geral das artes e da própria crítica da cultura. Tal posição, evidentemente pré-wölfliniana, ainda se vincula à historiografia literária do passado, quando o Renascimento era entendido em bloco, falando-se então em sincretismos e simbioses, sem percutiente análise do fenômeno da cultura. Com Wölflin, ainda nas primeiras décadas do nosso século, a etapa inicial da síntese já havia sido superada, evoluindo-se para a etapa intermediária da análise, na medida em que se opunham as normas e os postulados estéticos do Renascimento às normas e aos postulados estéticos do Barroco. E a grande síntese final, após os estudos teóricos de um Weisbach, por exemplo, já se manifesta claramente nas obras de Hauser e de Weise, onde o Maneirismo foi intensamente estudado, sobretudo em suas áreas limítrofes com o Barroco.

Concluindo, qualquer pesquisa de literatura, em nossos dias, que ainda se volte para o velho conceito sincretístico de Renascimento, é apenas anacrônica. A obra literária de Anchieta, como todas as obras que se possam incluir no conjunto da estética jesuítica da segunda metade do século XVI, ou mesmo as obras dos humanistas cristãos em geral, dentro ou fora da Igreja, se não giram em torno do Maneirismo, giram em torno do Barroco, o Pré-Barroco jesuítico, que fundou a literatura no Brasil.



Leodegário A. de Azevedo Filho é professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Endereço do autor para correspondência: Avenida Epitácio Pessoa, 2.094, apto. 102 - 22471 - Rio de Janeiro - RJ.

Matemática

O homem que calculava: vida e obra de Malba Tahan

Autor de mais de cem livros, quase todos dedicados ao ensino da Matemática para principiantes ou iniciados, Malba Tahan continua até hoje um dos autores preferidos do público juvenil. Este artigo conta a curiosa origem do seu pseudônimo e, pela primeira vez, organiza sua bibliografia completa.

Maria Thereza Cavalheiro

Personalidade atraente, conversador, simples, sempre pronto a contar uma história, conferencista envolvente e carismático, professor anticonvencional e dedicado — assim era Malba Tahan, que por mais de uma geração a todos encantou com seu talento de escritor e de mestre, principalmente por seu livro mais lido, *O homem que calculava*, até hoje um campeão de vendas.

Conseguiu uma verdadeira proeza: conciliar sua vida de professor de Matemática, cujo ensino soube tornar agradável e divertido, e a de contador de histórias, legando-nos mais de cento e vinte livros publicados, alguns com uma dezena, uma vintena e até uma trintena de edições, e ainda outros inéditos.

Viveu ativa e intensamente, sempre interessado por tudo, escrevendo também para jornais e revistas, e morreu, de repente, como queria, em plena ação.

O número de apreciadores de seus livros é imenso, e não só de jovens. Sua obra tem um sentido místico, e, através dela, Malba Tahan sempre procurou ensinar, instruir, ao mesmo tempo em que buscava divertir. Criou métodos de ensino próprios, depois chamados "lúdico-didáticos", tirando da Matemática a fama de matéria difícil ou desagradável. Usava de ardis durante as aulas para que seus alunos memorizassem as fórmulas matemáticas, tornando as lições leves e fáceis. Escreveu livros que tanto servem para alunos como para professores, e, para estes, ministrou também muitos cursos, ensinando a maneira mais fácil de ensinar.

Seu nome, Malba Tahan, revestiu-se de lenda.

A história de um pseudônimo

Malba Tahan, porém, não era o seu verdadeiro nome. Nem ele era árabe, como até hoje muitos pensam, apesar de conhecer profundamente a filosofia oriental, o islamismo e os costumes das terras do Oriente. Todo esse conhecimento lhe veio dos livros, de pesquisas que realizou, de ensinamentos que lhe advieram de um amigo árabe. Nem ele nunca pôde ir à região árabe. Quando muito, chegou certa vez até a Espanha e, de Algeiras, divisou ao longe a costa de Marrocos.

Seu nome real era Júlio César de Mello e Souza, um brasileiro. Mas soube impregnar sua literatura de forte exotismo oriental. E



O escritor e matemático Júlio César de Mello e Souza com seu livro preferido, *A sombra do arco-íris*.

não só isso. Ele criou Malba Tahan como personagem autônoma: escreveu-lhe até uma biografia fictícia, a todos fazendo crer, por longo tempo, que aquelas histórias que escrevia eram traduzidas de um famoso escritor árabe, de nome Ali Izzid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan, nascido em 6-5-1885 na aldeia de Muzalit, perto da antiga cidade de Meca, e que morrera lutando no deserto ao lado de sua tribo. Na edição de seus livros, em que punha data mais antiga, colocava até o nome de um pseudotradutor.

Muitos de seus admiradores deram o nome de Malba a seus filhos, e várias bibliotecas e escolas foram denominadas "Malba Tahan".

E por que toda essa mistificação? Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, o próprio escritor declarou que chegara à conclusão de que "ninguém é profeta em sua própria

terra", e já anteriormente usara outro pseudônimo.

Júlio César de Mello e Souza trabalhava no jornal *O Imparcial*, daquela cidade, um caminho que julgava encontrar para a publicação de seus escritos. Certa vez, em 1918, apresentou cinco de seus contos ao editor, que os deixou sobre a mesa, com um peso em cima, por vários dias, sem deles tomar conhecimento. Então ele pegou os contos e neles colocou o pseudônimo de R. S. Slade, dizendo ao editor que aqueles eram contos que traduzira de um escritor de sucesso em Nova Iorque. E no dia seguinte um dos contos, "A Vingança do Judeu", saiu no jornal com grande destaque. "Aí, eu descobri que era preciso mistificar" — disse ele. Pelo mesmo motivo, achou que um escritor brasileiro não faria sucesso assinando contos orientais com seu nome verdadeiro. Assim, resolveu criar a personagem Malba Tahan (em ára-

be, com o agá aspirado), com que se tornou célebre. Um nome apropriado, pois os árabes são famosos pelos seus contadores de histórias. Para o sobrenome, inspirou-se no de uma de suas alunas: Maria Zachsuk Tahan. Tahan significa "moleiro", "aquele que prepara o trigo". Quanto a "Malba", filólogos e arabistas não são unânimes sobre o seu significado. Segundo Niebuhr (*Description de l'Arabie*, Paris, 1756, II vol., p. 304), teria havido no Jêmen (Arábia) um pequeno oásis de nome Malbher ou Mabher, e, daí, a origem de Malba. Para o Professor Jean Achar, o nome do oásis seria Malbhe. O Professor Ragy Basile diz que Malba é palavra de origem persa. Segundo o Professor Jamil Safady, o significado de Malba seria "aprisco". Para o poeta libanês Assad Bitar, Malba, em árabe, designa a raiz de uma planta da família das marantáceas, de que se extrai uma farinha alimentícia. Aceitou-se, habitualmente, traduzir Malba Tahan como "o moleiro de Malba".

Malba Tahan, no depoimento ao MIS, disse que preparou a mistificação durante sete anos, de 1918 a 1925. Leu o Alcorão e o Talmude, tomou aulas de árabe com o Professor Jean Achar. Então procurou o jornalista Irineu Marinho, diretor de *A Noite*, dizendo que queria surpreender o Brasil com uma mistificação literária. Sua idéia era inventar um escritor árabe e publicar contos orientais educativos. Irineu Marinho leu dois ou três contos e achou a idéia interessante. Recomendou ao seu secretário Euricles de Mattos que publicasse na primeira página de *A Noite* os contos de Malba Tahan, precedendo-os de uma biografia apócrifa, sob o título de "Contos das Mil e Uma Noites". Irineu Marinho jamais revelou a pessoa alguma, nem mesmo a Euricles, o segredo da mistificação literária, da qual fora não só cúmplice como o grande responsável. E, em 1925, saiu o primeiro livro do Escritor: *Contos de Malba Tahan*.

O escritor e matemático acreditava na Numerologia e, ao escolher seu pseudônimo, fez-o de acordo com essa ciência, para ter sorte em suas publicações. O que, de fato, aconteceu, pois teve muito sucesso em seus empreendimentos literários.

Júlio César de Mello e Souza era de tal forma conhecido pelo pseudônimo que este, por decreto do Presidente Getúlio Vargas, pôde até ser utilizado, ao lado do no-

me verdadeiro, em sua carteira de identidade. E usou, ainda, em suas histórias, um outro pseudônimo: Melusa.

Desde criança Malba Tahan tinha profundo interesse pela cultura árabe. Seu livro preferido era *As Mil e Uma Noites* que inspirou os contos que escreveria mais tarde. Costumava dizer: "Nada interessa mais ao homem do que uma boa história".

Júlio César de Mello e Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 6-5-1895, mas passou toda a infância na bucólica cidade paulista de Queluz, que está ativamente, de maneira concreta e eficiente, a sua memória. Era o quinto dos nove filhos do casal João de Deus de Mello e Souza, filho de portugueses, e Carolina Carlos de Mello e Souza, "paulista de quatrocentos anos". Em Queluz, João de Deus fundou um Colégio com seu nome, e nessa cidade se casou com a professora Carolina, conhecida por "Sinhá", sobrinha do tabelião Francisco Carlos de Silveira, que era também maestro. Quando o casal já tinha três filhos nascidos em Queluz, João de Deus fechou o seu Colégio e se transferiu para o Rio onde nasceram mais três filhos, um dos quais Júlio César, o futuro Malba Tahan.

A família voltou para Queluz

e enfrentou grandes lutas e dificuldades, o que prejudicou a saúde de João de Deus. Sua esposa conseguiu reintegração no magistério e mantinha a escola na sala de visitas da própria casa onde também estudavam os filhos.

João Baptista, o filho mais velho, que depois também se tornou escritor com o nome de J.B. Mello e Souza, em seu comovedor livro *Meninos de Queluz* (Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras), conta que o irmão Júlio César tinha atração pelas procições, e sonhava em ser um seu dirigente quando crescesse. Porém, no que mais se realizava, era como contador de histórias, em tertúlias alegres que os "filhos da professora" organizavam para outros alunos da escola. João Baptista publicaria mais tarde numerosos livros, como o já mencionado, e *Canções da Escola e do Lar*, *Histórias do Rio Paraíba* e outros.

O pai incumbiu João Baptista de preparar o irmão Júlio César para o exame que faria para ingresso no Colégio Militar, do Rio de Janeiro, no qual foi matriculado em 1906, aí permanecendo por três anos. Mas o jovem desistiu da carreira militar e, em 1909, transferiu-se para o Colégio Pedro II, com uma bolsa de estudo; aí lhe veio a idéia de ser professor.

A essa época, começaram a despertar-lhe os dotes de escritor:



Júlio César fazia, ao pagamento unitário de quatrocentos réis a dez tostões, redações de Português para colegas que tinham sempre nota baixa na matéria, nas aulas do Professor José Júlio da Silva Ramos. Mas seu primeiro salário fixo fora, ainda bem jovem, como servente e depois auxiliar interino da Biblioteca Nacional. Posteriormente, fez o Curso de Professor Primário na antiga Escola Normal do antigo Distrito Federal, atual Instituto de Educação.

Em 1913, Júlio César se matriculou na Escola Politécnica, tendo concluído o curso de Engenharia Civil, mas nunca exerceu a

profissão. Sua real vocação era o magistério. Já a essa época regia turmas suplementares no Externato do Colégio Pedro II. Foi, assim, professor por mais de sessenta anos. Quando, porém, passou a lecionar, começou com História, a seguir Geografia e Física. Só depois é que lecionou Matemática. O gosto pela matéria lhe veio das aulas do Professor Henrique César de Oliveira Costa. No entanto, conta J.B. Mello e Souza em *Meninos de Queluz*, Júlio César, quando garoto, não era dos melhores alunos, nem em Português nem em Matemática... Era dispersivo nos estudos. E: "Se compunha uma história, era certo criar personagens em excesso, muitos dos quais não tinham papel nenhum a desempenhar, dando-lhes nomes absurdos, como Mardukbarian, Orônsio, Protochólski."

Isso não impediu que se tornasse autor de vasta obra literária, docente da antiga Escola Normal e detentor de várias cátedras de Matemática: no próprio Colégio Pedro II (Internato), por doze anos; na Universidade do Brasil (Escola Nacional de Belas Artes), mais tarde transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro e em outros estabelecimentos. Teve, também, larga atuação no rádio e na televisão. Trabalhou nas Rádios Nacional, Clube

e Mairink Veiga, do Rio; na TV-Tupi, do Rio; no Canal 2, de São Paulo. Alguns de seus contos foram radiofonizados.

Malba Tahan faleceu no dia 18-6-1974. Estava no Recife-PE, a convite da Secretaria de Educação e Cultura, a fim de dar um curso sobre "A arte de contar histórias" e outro sobre "Jogos e Recreações no ensino da Matemática", no Colégio Soares Dutra, quando foi surpreendido pela morte às 5:30 horas, no Hotel Boa Viagem, onde se encontrava hospedado com a esposa. Morreu, aos setenta e nove anos de idade, de edema pulmonar agudo e trombose coronária. Seu corpo foi trasladado para o Rio de Janeiro, onde foi sepultado.

Malba Tahan era muito organizado, e mantinha, em grande número de álbuns, seus recortes de jornais, fotos (muitas de suas conferências) e anotações de viagens. Tinha uma grande biblioteca, especialmente de livros infanto-juvenis, e costumava guardar as cartas que recebia. Guardava, também, papeletas de jogo do bicho, que fazia por métodos científicos. Esse acervo, que inclui também todos os seus livros autografados, originais, medalhas, placas, documentos diversos, objetos pessoais, sua coleção de sapos de materiais diversos, foi conservado pela filha Sônia Maria e oferecido pela família à Prefeitura de Queluz.

Bibliografia

O livro preferido de Malba Tahan era *A Sombra do Arco-Íris*, em que cita mais de mil poetas, mas o mais famoso é o *O homem que calculava*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, com trinta e cinco edições e traduzido para quatro idiomas. Ora com seu nome verdadeiro, ora com seu pseudônimo, publicou mais de cento e vinte livros, que, por ordem alfabética, procuramos registrar (primeiras edições). Esta é a primeira bibliografia completa de Malba Tahan.

Com o nome de Júlio César de Mello e Souza: *A Caixa do Futuro* (novela infantil), Rio, Conquista; *A Equação da Cruz* (publicação para um Congresso), Rio, 1959; *A Lua na Poesia Brasileira* (os poetas e a lua), Rio, Lux, 1955; *Alegria de Ler* (antologia), Rio, Aurora, 1963; *As Grandes Fantasia da Matemática* (com a origem dos números), Rio, Getúlio Costa, 1945; *Diaburros da Matemática* (problemas curiosos), Rio, Getúlio Costa, 1943; *Diaburros da Matemática* (edição refundida da anterior), São Paulo, Saraiva, 1966; *Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática*, em dois volumes, Rio, Getúlio Costa, 1940; *Didática da Matemática*, em dois volumes (conceito e importância), São Paulo, Saraiva, 1951 e 1962; *Didática da Matemática* (súmula), Rio, Aurora, 1957; *Estudo Elementar das Curvas* (tese para concurso), Rio, Getúlio Costa, 1935; *Folclore da Matemática* (lendas, curiosidades), Rio, Conquista, 1954; *Funções Moduladas* (primeiras noções), Rio, Borsó, 1934; *Geometria Analítica* (no espaço de duas dimensões), Rio, Getúlio Costa, 1943; *Geometria Analítica* (no espaço de três dimensões), Rio, Getúlio Costa, 1943; *Histórias e Fantasia da Matemática* (com origem da Geome-

tria), Rio, Getúlio Costa, 1939; *Matemática Divertida e Curiosa*, Rio, Calvino, 1939; *Matemática Divertida e Diferente* (curiosidades, números cabalísticos), Rio, Getúlio Costa, 1943; *Matemática Divertida e Fabulosa* (problemas curiosos, recreações), Rio, Getúlio Costa, 1942; *Matemática Divertida e Pitoresca* (problemas curiosos, sofismas algébricos, recreações geométricas), Rio, Getúlio Costa, 1941; *Matemática Fácil e Atraente* (metodologia na escola primária), Rio, A.B.C., 1938; *Matemática*, *Matemática* (admissão), Rio, Conquista, 1950; *Matemática Sua-ve e Divertida* (contos e recreações), Rio, Aurora, 1951; *Meu Anel de Sete Pedras* (folclore da Matemática), Rio, Getúlio Costa, 1955; *Meu Caderno de Matemática* (admissão), Rio, Aurora, 1964; *O Bom Caminho* (educação moral e religiosa), Rio, Getúlio Costa, 1942; *O Bom Caminho* (extraído do livro anterior, com noções de Gramática), Rio, Aurora, 1964; *O Escândalo da Geometria* (estudo elementar), Rio, Aurora, 1949; *O Inferno de Dante*, em dois volumes (tradução anotada e comentada sob a forma de narrativa), Rio, Aurora, 1947; *Tábuas Completas e Formulários* (logaritmos e formulários, Aritmética e Álgebra, Geometria, Trigonometria, cálculo diferencial, cálculo integral), Rio, Aurora, 1963; *Técnicas e Procedimentos Didáticos no Ensino da Matemática* (fatores que interferem no ensino da Matemática), Rio, Aurora, 1957; *Trigonometria Hiperbólica* (tese para concurso), Rio, 1932. Em colaboração com o Professor Cecil Thiré, pela Francisco Alves, Rio: *Exercícios de Matemática*, em dois volumes; *Exercícios e Formulários de Geometria*; *Matemática*, com um volume sobre *Álgebra*, em seis volumes (admis-

são, ginásial). Em colaboração com os Professores Cecil Thiré e Euclides Roxo: *Exercícios de Matemática*; *Matemática*, em cinco volumes (ginásial). Em colaboração com os Professores Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber, pela Francisco Alves, Rio: *Matemática Comercial*; *Matemática Comercial — Exercícios*. Em colaboração com os Professores Cecil Thiré e J. Randy Paes Leme: *Pathimel* (curso de Desenho, 1º ano), Rio, Francisco Alves. Em colaboração com a Professora Irene de Albuquerque: *Álgebra*; *Diário de Lúcia* (4º ano primário), Rio, Aurora, 1964; *Exercícios de Matemática*, em dois volumes; *Exercícios e Formulários de Geometria*; *Matemática* (admissão); *Matemática*, em quatro volumes; *Tudo é Fácil* (3º ano primário), Rio, Aurora, 1964. Em colaboração com os Professores Jairo Bezerra e Célia Moraes: *Apostilas de Didática da Matemática*, Rio, MEC, 1958.

Com o nome de Malba Tahan: *A Arte de Ler e de Contar Histórias* (de feição didática); *A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor*, Rio, Vecchi; *A Estrela dos Reis Magos*, 1965; *A Girafa Castigada* (conto infantil, inspirado no Evangelho), Brasil-América; *A Lógica da Matemática*, São Paulo, Saraiva; *A Pequena Luz Azul* (conto infantil, de origem árabe, adaptado para o teatro), Brasil-América; *A Sombra do Arco-Íris*, em três volumes; *Ainda Não, Doutor* (romance), em colaboração com Eva Antakieh, Rio, Conquista; *Alma do Oriente* (contos), Rio, José Olímpio, 1936; *Amigos Maravilhosos* (novela infantil), Rio, Francisco Alves, 1935; *Amor de Beduíno* (contos orientais), Rio, F. Griguet, 1930; *Antologia da Matemática*, em dois volumes (lendas e curiosi-

dades), São Paulo, Saraiva; *Antologia do Bom Professor* (artigos e comentários), Rio, Vecchi; *As Maravilhas da Matemática* (curiosidades, problemas notáveis), Rio, Bloch; *Aventuras do Rei Baribê* (romance oriental infanto-juvenil), Rio, Conquista, também traduzido para o Esperanto; *Céu de Allah* (contos orientais), Rio, Conquista, 1928; *Contos de Malba Tahan* (contos orientais), Rio, Lux, 1925; *Contos de Malba Tahan* (edição completamente remodelada), Rio, A Encadernadora, 1929; *História da onça que queria acordar cedo*; *Homens Extraordinários* (adaptado para o teatro); *Iazul* (contos e lendas orientais), Rio, Edições de Ouro — Tecnoprint, 1970; *Lendas do Bom Rabi*, 1951; *Lendas do Céu e da Terra* (lendas cristãs), Rio, Getúlio Costa, 1935; *Lendas do Céu e da Terra* (edição totalmente refundida); *Lendas do Deserto* (contos orientais), Rio, Azevedo, 1930; *Lendas do Deserto* (edição completamente diferente da anterior), Rio, Calvino Filho, 1933; *Lendas do Deserto* (nova edição totalmente diferente das anteriores), Rio, Conquista; *Lendas do Oásis* (contos orientais), Rio, Civilização Brasileira, 1933; *Lendas do Povo de Deus* (contos ídiches); *Maktub* (lendas orientais), Rio, Getúlio Costa, 1935, adaptado para o teatro, também traduzido para o Inglês; *Maktub* (edição completamente diferente da anterior); *Matemática Divertida e Delirante* (problemas curiosos e lendas), São Paulo, Saraiva; *Matemática Recreativa* (fatos e fantasias), 1º volume, São Paulo, Saraiva, 1965; *Mil Histórias Sem Fim* (contos orientais), em dois volumes, Rio, Conquista; *Minha Vida Querida*, Rio, Pongetti, 1932; *Minha Vida Querida* (edição totalmente diferente da primeira), Rio,

Conquista; *Novas Lendas do Deserto* (contos orientais), Rio, 1937; *Novas Lendas Orientais*; *Numerologia* (preceitos sobre o nome), Rio, Americana; *O Guia Carajá* (lenda do sertão do Brasil), Rio, Conquista; *O homem que calculava* (aventuras de um calculista persa), também traduzido para o Inglês, Espanhol, Italiano e Alemão; *O Livro de Aladim* (contos orientais), Rio, Getúlio Costa, 1943; *O Mistério do Mackenzista* (sobre reabilitação dos hansenianos), São Paulo, Edicel — Cultural Espírita, 1970; *O mundo precisa de ti, professor* (noções sobre ética); *O Problema das Definições em Matemática* (erros, dúvidas e curiosidades); *O Professor e a Vida Moderna* (casos, contos e comentários); *O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus* (conto ídiche), Brasil-América; *O Terceiro Motivo* (contos e lendas orientais), São Paulo, Saraiva, 1963; *O Tesouro de Bresa* (conto infantil, que ensina mais de cem vozes de animais), Brasil-América; *Os Melhores Contos*; *Os números governam o mundo* (curiosidades numéricas colhidas no folclore da Matemática) — Rio, Tecnoprint, 1965; *Os Sonhos do Lenhador* (conto chinês), Brasil-América; *Paca-Tatu...* (contos infantis), Rio, Cruzada da Boa Imprensa, 1939; *Paca-Tatu...* (edição ampliada); *Páginas do Bom Professor* (trechos selecionados sobre Pedagogia); *Problemas Famosos e Curiosos da Matemática*; *Romance do Filho Pródigo*; *Roteiro do Bom Professor* (trechos selecionados sobre Pedagogia); *Salim, o Mágico* (novela), São Paulo, Ibrasa; *Sob o Olhar de Deus* (romance), Rio, Conquista.

Maria Thereza Cavalheiro é jornalista e poeta. Endereço da autora para correspondência: Rua Humaitá, 107, ap. 115 - 01321 - São Paulo - SP